

Nuevo Mundo
Mundos Nuevos

Nuevo Mundo Mundos Nuevos

Nouveaux mondes mondes nouveaux - Novo Mundo
Mundos Novos - New world New worlds
2005

Ano Brasil. Brasil ?

Sandra Jatahy Pesavento



Electronic version

URL: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1076>
ISSN: 1626-0252

Publisher

Mondes Américains

Electronic reference

Sandra Jatahy Pesavento, « Ano Brasil. Brasil ? », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Online], Miscellanies, 2005, Online since 29 June 2005, connection on 30 August 2019. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1076>

This text was automatically generated on 30 August 2019.



Nuevo mundo mundos nuevos est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

Ano Brasil. Brasil ?

Sandra Jatahy Pesavento



- 1 2005, Ano Brasil na França. E, para assinalar a data, o prestigioso Grand Palais de Paris abriga *Brésil indien*, uma exposição que se propõe a combater os clichês. Perguntaria o visitante, curioso: clichês sobre o Brasil? Não, sobre os povos indígenas, que hoje correspondem a 0,3% da população brasileira, informa o primeiro cartaz explicativo já desde o início do percurso. Uma exposição que se anuncia para dar a ver e sentir uma experiência estética construída como visão de mundo, complementam as informações introdutórias. Uma tradição estética a remontar desde muitos séculos antes da descoberta, pertencente a estes povos que eram os primitivos habitantes da *Terra Brasilis*.
- 2 Pois bem, o visitante entra, francês ou brasileiro, disposto a apreciar, sentir e partilhar desta experiência. A rigor, não será isto mesmo que as exposições se propõem? Imagens dão a ver e comportam uma leitura. Uma exposição é, pois, uma narrativa visual, e se articula através de sentidos que seus organizadores tentam fazer passar ao público. Mas, para além das intenções e da sua produção enquanto espetáculo, a exposição, como qualquer narrativa, se complementa com a leitura, que produz novos sentidos. Entramos, com isso, no domínio da recepção, onde o público carrega consigo um horizonte de expectativas, as de sua época e a das que o precederam, que foram herdadas e que fazem parte da sua formação e bagagem cultural.
- 3 Ora, o Brasil em festa, exposto e homenageado...Entremos no Grand Palais?

- 4 Uma palavra para apresentar as peças expostas ao visitante: lindas, lindíssimas, de excelente qualidade, fabricadas com esmero e refinado senso estético. Peças exemplares, maravilhosas, vindas *daquém* e *dalém* mar, como diriam os portugueses. Destaque especial para a arte plumária, em show de cores, de habilidade e gosto. Destaque também para os trabalhos de cestaria, com palha e fibras. Outro tanto para as grandes cerâmicas e urnas funerárias, além das belas máscaras zoomórficas. Destaque ainda para os sóbrios painéis de tecido, com a imagem impressa dos índios, a pender do teto. Perdem interesse, a observar o comportamento do público, pouco atento às pinturas rupestres, mostradas em vídeo na parede.
- 5 Mas...a história está ausente, senhor público! Estes índios atravessam os séculos como que dotados de uma perenidade. Como se fossem parte da natureza, das rochas, da floresta, eles, os índios, parecem ter sempre estado lá, no Brasil. Sim, os índios habitavam a terra desde a muito, antes da chegada dos brancos. Sim, eles foram objeto da curiosidade científica de Levi-Strauss, nas suas viagens ao país, nos anos de 1930. Sim, eles existem ainda, a dançar e a cantar nos vídeos que passam, acompanhando a exposição dos objetos.
- 6 Entretanto, entre 2005, Ano Brasil e cerca de 13000 anos atrás – data da presença do homem no Brasil –, o que aconteceu? Passa-se da arqueologia, com as pinturas rupestres em vídeo, para os primitivos atuais, sem que o espectador seja informado do que aconteceu entre as duas épocas, tão distantes e tão distintas. Ocorreu miscigenação, foram mortos, absorvidos, dominados, escravizados, enriqueceram, foram dizimados? Que fique bem claro que não se está a exigir uma exposição cujo mote fosse a opressão, mas no mínimo se espera uma informação ao espectador para a passagem dos séculos, sem o que fica difícil entender o Brasil por este viés. Ou, pelo menos, *este* Brasil que se expõe no Grand Palais.
- 7 Voltemos à proposta inicial de destruir clichês e apresentar uma experiência estética. É possível que ela se constitua fora do tempo? Uma identidade, um perfil de reconhecimento e de individualidade é algo que se espera, legitimamente, de uma proposta como essa, mas desde que ela reconheça a presença da história. Sim, história esteve ausente, lamentavelmente ausente. A colonização passou ao largo e – vejam só! – mesmo a experiência das missões jesuíticas não comparece, mesmo que a arte seja um ponto focal da exposição.
- 8 Um pouco de história seria desejável, um mínimo de história, para dar sentido às coisas, por respeito ao público, aos índios, ao Brasil. Aliás, os índios são abordados como um *outro*, como uma alteridade primitiva e atemporal, curiosa talvez para o público que visita o Grand Palais. No mínimo, se pressupõe que se eles estão ausentes da história, devem estar também da identidade brasileira. E, quem tem um mínimo de conhecimento sobre o país, sabe que a população indígena faz parte deste núcleo de pertencimento, do *nós* identitário. O índio não é um *outro* para a identidade nacional, ele é um componente da mesma, assumido ou não. Ou, numa visão perversa, os índios apresentados podem vir a ser portadores de um caráter redutor: *isto* é o Brasil. Resume-se a índios, plumas, xamanismo.
- 9 Poderia sempre ser argumentado de que esta exposição é de caráter etnográfico, etnológico. Mas em pleno século XXI, em tempos de transdisciplinaridade, espanta retornar a uma concepção do século XIX, com cada ciência em seu campo específico.

- 10 Aliás, aponta-se um pequeno reparo frente os dados expostos: no quadro da distribuição dos grupos indígenas no território – na atualidade, por suposto – não se registram os caingangues no Rio Grande do Sul.
 - 11 Enfim, esta é uma exposição sem história e, portanto, sem traumas. Correta na exibição das peças, mas não na sua concepção. Não problematiza, é asséptica. E, o que talvez seja mesmo o pior - se for isto que ficar na memória dos visitantes franceses – é que ela talvez, paradoxalmente, reforce os tradicionais clichês da visualização do Brasil. Exótico. Pitoresco. Mais uma vez.
-

NOTES

1. Cliché Elizabeth Burgos

INDEX

Mots-clés: plumes

AUTHOR

SANDRA JATAHY PESAVENTO

Doutora em História. Professora titular de História do Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil